

## **Amanda Mei | Miragem**

### **Galeria Baró, São Paulo (SP), Brasil - August 2018**

cosmogonias para uma miragem.

ana roman

O planeta Terra, junto com os outros constituintes do Sistema Solar, se formou há cerca de 4,6 bilhões de anos a partir da aglutinação de poeira cósmica e partículas que compunham uma nebulosa de gás e poeira em lenta rotação. Só conhecemos um pouco esse processo - e conseguimos supor algumas periodizações acerca do mesmo - a partir do estudo da composição química e mineralógica de rochas e meteoritos encontrados em superfície. Esses fragmentos rochosos são testemunhos de uma história que escapa - e muito - a escala da vida humana. O surgimento de nosso planeta foi, porém, desde sempre, objeto de curiosidade pelas civilizações antigas, e o termo planeta, criado pelos gregos, designa um corpo celeste errante, cuja origem é objeto de hipóteses e mitos.

A vida começa a aparecer no planeta Terra há 3,5 bilhões de anos: dos organismos menos complexos até homo sapiens sapiens passaram-se milhões de anos. O ser humano, porém, ao habitar o planeta Terra, apropria-se e constrói o seu mundo, um mundo da vida (Lebenswelt). Nesse mundo, habitamos, compartilhamos experiências, construímos nossas casas, vilarejos e cidades e vivemos em sociedades culturalmente e politicamente diferentes. O conceito de mundo liga-se a experiência humana na superfície do planeta e, sobretudo, a linguagem. "A linguagem faz mundo (...) e o mundo é o que são todas as coisas fora de nós e ali onde propriamente estamos - está ali onde elas estão e onde podemos pensá-las todas" (Wolff, 1999).

A rocha coloca-se em um precioso lugar entre o planeta e o mundo: nela, a natureza e toda a dinâmica das camadas mais profundas do planeta estão contidas, mas, ao mesmo tempo, ela toca e está conosco em nosso mundo. Ao nos perguntarmos se a rocha possui um mundo, ou se ela é parte do nosso, podemos responder que ela se faz presente enquanto mundo.

O trabalho de Amanda Mei, apresentado na mostra individual Miragem, coloca-se, como a rocha, no limiar entre o mundo e o planeta. A rocha é, ela mesma, objeto da pesquisa de artista: em alguns trabalhos, ela cria, em papelão, rochas que, empilhadas, formam hermas de caráter quase escultórico, no qual se revela o interesse da artista pela matéria rochosa esculpida pelos processos geológicos naturais e por sua forma. A herma 'rochosa' que compõe o trabalho Eclipse é posicionada a frente de uma figura ovóide monocromática, e, nessa justaposição, a artista nos coloca diante de uma metáfora sobre o surgimento do planeta Terra e da vida, sintetizados pela forma do ovo e de sua relação com a rocha. O termo Eclipse remete ainda aos jogos de visualidade - aparição e desaparecimento - existentes na relação do espectador com o trabalho: a herma se coloca como um anteparo diante da forma oval e o espectador é convidado a olhar o trabalho a partir de diversas posições.

Em Bipolar Nebula, título que remete ao formato axial simétrico de um tipo de nebulosa, Mei explora a irregular geometria produzida pelos processos geomorfológicos. Toda rocha guarda, em si mesma, assimetrias e imperfeições, e, em Bipolar Nebula, uma rocha desenhada diretamente na parede do espaço expositivo, tais irregularidades são reveladas pelas linhas traçadas pelas mãos da artista. A imperfeição permeia o microcosmo dos trabalhos presentes na mostra: a artista não nos deixa esquecer que a simetria não existe na natureza - salvo raras exceções.

As séries Planetas e Mimas também trazem, em si, tais limiares. Em Planetas, a artista propõe um rearranjo formal de recortes em papel pintado e jornal, e após a colagem, o trabalho passa por uma prensa, no qual um contorno geométrico é marcado no papel como uma gravura. Entre a possibilidade

de repetição realizada pelo relevo seco na prensa e a unicidade do encontro das formas na colagem em papel é que reside o interesse da série: os Planetas de Mei são possíveis superfícies rochosas que se formaram por processos que parecem se repetir, e que, porém, apresentam-se em sua unicidade. Já na série Mimas, título atribuído em referência direta a uma das Luas de Saturno e de sua superfície rugosa e irregular, Mei parece nos dotar de um microscópio, com o qual podemos observar bem de perto a estrutura de uma rocha e, ao mesmo tempo, mudando de escala, estamos diante de outras luas e planetas formalmente semelhantes ao nosso, porém completamente desconhecidos e passíveis - talvez - de tornarem-se partes de nosso mundo.

Os trabalhos da série Pintura de Paisagem revelam-se, por fim, como uma grande síntese de toda a poética contida na mostra. Neles, as pinturas de paisagem, cuja tradição remete a história da arte e da pintura, são justapostas a rochas em uma espécie de moldura-mobiliário. Mais uma vez, a rocha é compreendida como constituinte da paisagem e, nesse sentido, de um fragmento de nosso mundo. O gesto de Mei parece explorar uma ideia de materialidade geológica enquanto formação de mundo. A poética da artista se posiciona justamente na tangência entre mundo e planeta, que só se realiza na rocha.

## ENGLISH

cosmogonies for a mirage.

ana roman

The planet Earth, along with the other constituents of the Solar System, formed about 4.6 billion years ago from the clumping of cosmic dust and particles that made up a slow-moving gas and dust nebula. We only know this process a little - and we can assume some periodizations about it - from the study of the chemical and mineralogical composition of rocks and meteorites found on the surface. These rock fragments are testimonies to a story that escapes - and much - the scale of human life. Yet, the emergence of our planet has always been a curiosity for ancient civilizations, and the term planet, created by the Greeks, designates a wandering celestial body whose origin is the subject of hypotheses and myths.

Life begins to appear on planet Earth 3.5 billion years ago: from less complex organisms to homo sapiens it has been millions of years. The human being, when inhabiting the planet Earth, appropriates and builds his world, a world of life (Lebenswelt). In this world, we inhabit, share experiences, build our homes, towns and cities and live in culturally and politically different societies. The concept of world is linked to human experience on the surface of the planet and, above all, language. "Language makes the world... And the world is what all things are outside of us and where we really are - it is where they are and where we can think them all" (Wolff, 1999).

The rock is placed in a precious place between the planet and the world: in it, nature and all the dynamics of the deepest layers of the planet are contained, but at the same time it touches and is with us in our world. When we ask ourselves if the rock has a world, or if it is part of ours, we can answer that it is present as a world.

The work of Amanda Mei, presented in the individual show *Miragem* (Mirage), stands, like the rock, on the threshold between the world and the planet. The

rock itself is the object of the artist's research: in some works, she creates, in cardboard, rocks that, stacked together, form herms of nearly sculptural character, revealing the artist's interest in the rocky matter



**EXHIBITION VIEW - PHOTO: EDOUARD FRAIPONT**



**ECLIPSE (2018) - AMANDA MEI - PHOTO: EDOUARD FRAIPONT**

sculpted by geological processes and by their form. The 'rocky' herm that makes up the Eclipse work is positioned in front of a monochromatic ovoid figure, and in this juxtaposition, the artist puts us before a metaphor about the emergence of the planet Earth and life, synthesized by the shape of the egg and its relation with the rock. The term Eclipse refers to the games of visibility - apparition and disappearance - that exist in the relation of the spectator to the work: the herm stands as a screen before the oval form and the spectator is invited to look at the work from various positions.

In Bipolar Nebula, a title that refers to the symmetrical axial shape of a nebula type, Mei explores the irregular geometry produced by geomorphological processes. Every rock has in itself asymmetries and imperfections, and in Bipolar Nebula, a rock drawn directly on the wall of the exhibition space, such irregularities are revealed by the lines traced by the artist's hands. Imperfection permeates the microcosm of the works present in the show: the artist does not let us forget that symmetry does not exist in nature - except for rare exceptions.

The Planets and Mimas series also bring such thresholds in themselves. In Planetas, the artist proposes a formal rearrangement of cutouts in wallpaper and newspaper, and after the collage, the work passes through a press, in which a geometric outline is marked on the paper as an engraving. Between the possibility of repetition carried out by the dry embossing in the press and the uniqueness of the meeting of forms in the paper collage is where the interest of the series lies: Mei's Planets are possible rocky surfaces that were formed by processes that seem to repeat themselves, and which, however, present themselves in their uniqueness. In the Mimas series, a title

attributed in direct reference to one of the moons of Saturn and its rough and irregular surface, Mei seems to provide us with a microscope, with which we can observe very closely the structure of a rock and at the same time, changing the scale, we are faced with other moons and planets formally similar to ours, but completely unknown and likely - perhaps - to become parts of our world.

The works of the Pintura de Paisagem (Landscape Painting) series reveal themselves, at last, as a great synthesis of all the poetics contained in the exhibition. In them, the landscape paintings, whose tradition refers to the history of art and painting, are juxtaposed with rocks in a kind of frame-furniture. Once again, rock is understood as a constituent of the landscape and, in this sense, of a fragment of our world. Mei's gesture seems to explore an idea of geological materiality as a formation of the world. The poetics of the artist stands precisely in the tangency between world and planet, which is only realized in the rock.



**PINTURA DE PAISAGEM (2018) - AMANDA MEI - PHOTO: EDOUARD FRAIPONT**



**EXHIBITION VIEW - PHOTO: EDOUARD FRAIPONT**